

opiniões

estudos de
literatura brasileira
em Portugal:
uma entrevista com
abel barros baptista

*Umberto Cunha Neto**

Conhecido na cena literária portuguesa e brasileira, Abel Barros Baptista é doutor em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde atualmente é professor catedrático. Possui alguns livros publicados em Portugal e no Brasil e trabalha com as literaturas portuguesa, brasileira e também com teoria literária. Sua contribuição para os estudos de literatura brasileira, em Portugal, apesar do restrito espaço destinado a tal nas universidades portuguesas, é grande e os ecos de sua produção crítica chegaram ao Brasil, muitas vezes cercados de polêmicas.

O professor Abel Baptista dedicou anos de seu trabalho para promover a leitura e os estudos de literatura brasileira em Portugal, mas no final da década de 2000 foi alvo de críticas por propor uma abordagem da literatura brasileira, nomeadamente da produção de Machado de Assis, desvinculada de questões sociais brasileiras; citando as tensões criadas com os leitores mais tradicionais de Machado de Assis, Baptista afirma: "Escrevi os meus dois primeiros livros sobre Machado sem ir ao Brasil, sem pedir nem ajuda nem autorização a nenhum patrono ou entidade brasileiros" e

* Doutorando em Literatura Brasileira na USP com projeto sobre a circulação da literatura brasileira em Portugal. Mestre em Literatura Brasileira pela USP com a dissertação *A circulação da obra de Bernardo Carvalho em Portugal*. E-mail: umbertocunhaneto@gmail.com

complementa “preparei e promovi edições das suas obras, que tinham desaparecido das livrarias portuguesas, e fiz cursos sobre Machado em bibliotecas de norte a sul de Portugal”.

A importância de leituras como as feitas pelo professor tem ficado mais evidentes conforme os estudos acerca da literatura brasileira no exterior ganham volume e expressividade, a julgar pelos estudos de Machado de Assis e Clarice Lispector em universidades americanas e europeias. Nesta entrevista gentilmente cedida por Abel Barros para a *Opiniões*, podemos situar ainda que brevemente os estudos de literatura brasileira em Portugal e algum posicionamento desses estudos em relação à crítica literária brasileira.

*

O professor Abel Barros Baptista tem se dedicado, entre outros enfoques, aos estudos de literatura brasileira na Universidade Nova de Lisboa. Mais recentemente, contudo, percebo um afastamento do tema. O que lhe tem interessado, mais recentemente, nos estudos acerca da literatura brasileira? E, de maneira geral, em sua carreira acadêmica, há um interesse em insistir nos estudos acerca dessa literatura?

Não há propriamente um afastamento da minha parte. Continuo a ensinar literatura brasileira regularmente, participo em várias iniciativas no país (uma delas já vou referir adiante, por ser importante), continuo a orientar teses. Apenas acontece que eu, tal como todos os outros professores da literatura brasileira em Portugal, não me dedico a ela em exclusivo, tenho de actuar em outras áreas. Como a universidade portuguesa se caracteriza por planos de estudos com áreas muito compartimentadas, os nossos trabalhos dispersam-se, e quem eventualmente nos siga no campo brasileiro pode não perceber outros campos de actuação. Acresce que a carreira académica tem sempre umas voltas estranhas e, por vezes, somos forçados a funções que relegam para um plano secundário os trabalhos de ensino e pesquisa. Nos últimos dez anos, mais ou menos, tenho exercido funções na governação da minha Faculdade e isso naturalmente deixou-me menos tempo disponível.

Entretanto, e agora refiro a iniciativa que mencionei acima, há hoje condições para um trabalho mais produtivo no campo. Em janeiro de 2015, por iniciativa do meu colega Osvaldo Manuel Silvestre, que assumiu a responsabilidade da área dos estudos literários brasileiros na Universidade de Coimbra, criámos uma “Rede de professores de literatura brasileira em Portugal”. Lembro que a literatura brasileira é ensinada de forma regular em apenas cinco universidades portuguesas e os professores envolvidos são sete, todos eles, como referi acima, trabalhando também

opiniões

noutras áreas. O objectivo dessa Rede é articular os nossos esforços, partilhar experiências e promover iniciativas conjuntas que reforcem os estudos brasileiros entre nós. Traçámos um plano de várias actividades, entre elas um conjunto de colóquios internacionais com o objectivo de discutir o estado da disciplina em Portugal e examinar os critérios e princípios que devemos seguir, e com a participação de colegas de outras universidades, europeias, americanas e brasileiras, não apenas dos professores da tal Rede.

Já se realizaram dois desses colóquios. O primeiro em outubro de 2016, em Coimbra, sob o título “O conceito de literatura brasileira”, organizado por Osvaldo Silvestre. O segundo foi em novembro de 2017, intitulava-se “O modernismo como obstáculo”, organizado na Universidade Nova de Lisboa pela minha colega Clara Rowland e eu próprio (este segundo colóquio teve um outro como complemento, num terceiro dia, e foi dedicado ao conselheiro Aires: com o título “Esse Aires”, especialistas portugueses e brasileiros com jovens pesquisadores que estudam a obra de Machado em Portugal). Nesses colóquios participaram vários convidados brasileiros e europeus, como Luís Bueno, Roberto Vecchi, Gustavo Rubim, José Miguel Wisnik, Marcelo Moreschi, Ivan Marques, Pedro Meira Monteiro, Alfredo César Melo ou Eduardo Sterzi.

Estou convencido de que esta Rede, apesar do reduzido número dos seus membros, pode mudar muito significativamente o panorama dos estudos literários brasileiros na universidade portuguesa. Neste momento, o meu empenhamento é fortalecer esse esforço colectivo e contribuir para que tenha independência crítica e intelectual para encontrar os melhores meios de atrair os estudantes que nos procuram para as obras da literatura brasileira que aumentam o património literário de todos os povos.

Com certo exagero, claro, podemos dizer que houve um *boom* da cultura brasileira, impulsionado pelo desenvolvimento económico, projeção internacional e investimento em *soft power*, especialmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores. Que impressões você tem tido deste fenómeno enquanto “estrangeiro” (usando essa palavra cara à sua crítica) e enquanto académico dedicado ao estudo da literatura brasileira?

Creio que se referem a um período de tempo que coincide genericamente com o período que referi na resposta anterior, em que fui forçado a dar menor atenção às actividades de ensino e pesquisa. Em todo o caso, receio que não soubesse responder. A minha atenção à literatura brasileira não se centra na actualidade; acresce que vou muito

pouco ao Brasil. Posso apenas dizer que, aqui, no mercado editorial e livreiro português, não senti alteração significativa; mas isso, convenhamos, não quer dizer nada.

Estive em Lisboa como aluno Erasmus por duas ocasiões, em 2011, na Universidade de Lisboa, e em 2013, na Universidade Nova de Lisboa. Em ambas oportunidades, a impressão que tive é a de que os estudos de literatura brasileira eram bastante restritos, sendo os mais destacados o vosso nome, junto ao da prof^a Clara Rowland e o da prof^a Carvalhão Buescu, que orientou algumas teses cujos enfoques tocavam o tema. É possível afirmar que há um desinteresse da academia portuguesa pela literatura brasileira? A que se deveria tal fato, no caso positivo?

Comecei a responder na primeira resposta. Apenas cinco universidades portuguesas asseguram um ensino regular da Literatura Brasileira: Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade do Porto e Universidade do Minho. O grau dessa presença varia muito, nalguns casos há mais do que uma disciplina, nalguns casos há disciplinas autónomas em cursos de mestrado, mas de um modo geral a presença da Literatura Brasileira é pequena e circunscrita. Creio que o desinteresse é efectivo, é histórico e estrutural. Falei disso já em vários textos publicados, apenas posso aqui sintetizar o que penso. A constituição da literatura brasileira fez-se sob pressão da independência e da nação, o que envolveu necessariamente distância em relação à cultura e a literatura portuguesa. Não podia ser de outro modo. Do lado de cá, alguns dos nossos românticos, como Garrett ou Alexandre Herculano, encorajaram essa distância, animados de um verdadeiro sentimento cosmopolita: viam a literatura mundial como o encontro da expressão privilegiada das várias nações. Mas isso acabou por ceder a uma estabilidade identitária, de ambos os lados, as duas literaturas separaram-se, os contactos deixaram de ser encorajados e a visão que predominou do respectivo desenvolvimento colocava a ênfase na separação e na indiferença. Do lado português, tal atitude era indispensável para manter a ilusão da continuidade da literatura sem quebras desde os cancioneros medievais; do lado brasileiro, deu-se, a partir de certa visão do modernismo, o triunfo da ideia de que a literatura exprimia melhor o Brasil se alcançasse superar a portuguesa e ignorá-la. Vê-se que ambas partilham a mesma ideia de literatura, nacional, vinculada a uma ideia de nação com forte peso da componente patrimonial e umas fantasias linguísticas no caso português. A imagem frequente disto é a árvore. A literatura portuguesa representa-se como uma árvore de onde a dada altura se desprende um galho: o galho foi dar origem a outra árvore, ou arbusto — como lhe chamou Antonio Candido —, mas a árvore “mãe” permaneceu onde estava e a crescer como crescia. Esta fantasia é não só nociva para o entendimento entre as duas literaturas, como sobretudo é contrária à história, à teoria, à crítica e à comunicação livre entre povos e culturas. Gerou-se uma concepção em que acabou por ser mais

opiniões

importante declarar “nossa” a literatura do que pretender partilhá-la com os outros. Fica-se aliás próximo do paradoxo do ciumento: cioso da mulher, teme que lha cobicem, mas chega a desejá-lo por ver na cobiça alheia uma comprovação do valor da mulher que tem ou julga ter. Encontro este paradoxo em ambas as literaturas: em ambas dizemos a “nossa”, mas exultamos quando o estrangeiro se interessa por ela desde que se interesse por ela enquanto nossa, portuguesa ou brasileira. Por isso não serve qualquer estrangeiro. Um português tende a achar normal que os leitores brasileiros apreciem Pessoa, é a mesma língua, etc. Um brasileiro tende a não dar importância ao facto de um português apreciar Drummond ou João Cabral, ou porque é a mesma língua, etc., ou porque não é o estrangeiro que importa.

Voltando ao caso da universidade, a consequência foi que os planos de estudos e a concepção de estudos universitários de literatura, que data dos anos 50 e persiste mais ou menos incólume, não tinha para a literatura brasileira senão um pequeno lugar de literatura na mesma língua, complemento da formação do estudante na literatura da “sua” língua. Estabeleceu-se a ideia de que o conhecimento da literatura portuguesa é suficiente para quem queira conhecer a literatura em português. Ninguém o diz abertamente, é claro, mas esta ideia estrutura os planos de estudos e a organização da pesquisa de matéria literária brasileira em Portugal.

Dependendo do entusiasmo dos professores, dependendo da curiosidade dos alunos, aparecem sempre estudantes com interesse na literatura brasileira. Mas são raros os que, tendo interesses de carreira académica, encarem a possibilidade de trabalhar na área brasileira. Creio que a literatura brasileira actualmente mantém na universidade portuguesa um privilégio apenas assegurado pela estrutura rígida dos nossos currícula, que ainda assentam na distinção entre disciplinas obrigatórias e disciplinas opcionais. No dia em que isso desapareça, receio que o lugar da literatura brasileira se reduza muito, se é que não sofrerá reconfiguração total.

O professor protagonizou um debate de ideias acirrado com o prof. brasileiro Roberto Schwarz. Numa oportunidade que tive de ver o prof. Abel falar, na Universidade de Lisboa, ouvi-o comentar que a crítica brasileira quer sempre reclamar para si uma “leitura definitiva” de Machado de Assis. O professor acredita que a situação permanece assim, em 2018? A ideia se restringe a Machado de Assis ou aos diferentes autores da literatura brasileira que despertem interesse académico no Brasil e fora dele?

Não sei se leitura definitiva é a expressão adequada ao que eu penso, mas pode ser que tenha dito assim. O que acho é que alguns críticos brasileiros (como alguns críticos portugueses, claro) julgam que a cidadania brasileira lhes confere naturalmente uma autoridade reforçada a respeito dos autores e obras da “sua” literatura: comportam-se como se fosse o simples facto de serem brasileiros lhes desse maior saber e maior inteligência a respeito dos autores brasileiros (em vez de ser, quando muito, o facto de, enquanto brasileiros, fazerem a sua instrução sob a injunção de ler e conhecer os autores da “nossa” literatura). Isto é particularmente evidente, e mais nocivo, no caso de autores muito conhecidos ou de grandeza superlativa, como Pessoa em Portugal. O paradoxo do mentiroso continua adequado a ilustrar as aporias desta situação. O caso de Machado é um caso singular dentro do caso geral do paradoxo do ciumento que referi acima. Primeiro, porque é o maior escritor brasileiro. Segundo, porque a assimilação da sua obra no enraizamento nacional é problemática senão impossível. Vejam como Roberto Schwarz, já que me falam nele, ilustra o paradoxo do ciumento. Eu escrevi um longo ensaio sobre o famoso ensaio de Machado “Instinto de Nacionalidade”. Defendi, através de uma análise demorada, que Machado destrói a ideia de que a literatura brasileira se edifica enquanto expressão do país e, sobretudo, reclama a liberdade de uma prática literária indiferente aos ditames nacionalistas. O “sentimento íntimo” é uma metáfora dessa reivindicação. Pois bem, nem Schwarz nem ninguém da turma dele se dignou sequer considerar o meu argumento. Nunca li e não sei se haverá algum escrito que refute a minha leitura desse texto de Machado. Houve mesmo um académico que declarou há tempos que nem sequer entendia o que eu dizia de Machado. Pois bastou um crítico americano, Michael Wood, numa resenha do livro de Schwarz, o Mestre na periferia do capitalismo, deixar escapar, mais coisa menos coisa, que nunca precisara dele para ler Machado de Assis, para que Schwarz viesse a correr acudir a si mesmo com elaborações sobre a crítica internacional e a nacional. É um caso curiosíssimo. De repente, o que se escreve sobre Machado fora do Brasil ganha importância, e até a Lisboa me chegaram ecos de que “Roberto vai pegar os pós-modernos”... Assisti uma conferência sobre o assunto, em 2008, no Masp, e fiquei indeciso. Imaginei que tem dias em que Roberto Schwarz até acha que a crítica internacional pode dar algum contributo, mas tem a maior parte em que ele acha que não, nenhum contributo pode vir dali, salvo se o crítico estrangeiro se interessar pelo Brasil e vir na obra de Machado a expressão do Brasil, caso em que, aliás, passa a fazer crítica nacional. Esta habilidade de não fazer coincidir o par nacional/internacional com o par brasileiro/estrangeiro é apenas isso, uma habilidade, pois não se trata de aceitar o estrangeiro, mas de acolher apenas o estrangeiro que quer ser nacional. A distinção é anticosmopolita nesse sentido: levanta uma barreira à entrada do estrangeiro, nega-lhe de antemão condições de compreensão da literatura brasileira. E é provinciana, porque se desdobra em explicações perante o crítico que reputa importante, que escreve para o mundo porque escreve em Nova Iorque, ao mesmo tempo que despreza o crítico pequenito a que ninguém dá atenção.

opiniões

Nada disso hoje me interessa muito. O mal está feito, como se diz por cá. Eu leio, estudo e ensino Machado há mais de trinta anos. Escrevi os meus dois primeiros livros sobre Machado sem ir ao Brasil, sem pedir nem ajuda nem autorização a nenhum patrono ou entidade brasileiros, ao mesmo tempo que preparei e promovi edições das suas obras, que tinham desaparecido das livrarias portuguesas, e fiz cursos sobre Machado em bibliotecas de norte a sul de Portugal. Hoje, qualquer livraria tem três, quatro edições diferentes de Memórias Póstumas, por exemplo. O escritor informado conhece Machado, o leitor culto português conhece Machado, há políticos que o citam... Não estou a dizer que fui eu que fiz isso, estou a dizer que eu não impedi isso andando estes 30 anos a ensinar que Machado não tem de ser lido com referência obrigatória ao Brasil, não tem de ser lido por escrever em português, que não é o equivalente brasileiro do Eça, antes tem de ser lido por ser um dos maiores escritores de sempre, por ser originalíssimo, por conjugar um humor desconcertante com a densidade filosófica, por ter uma imaginação única, por ter livros construídos numa forma única, por, em suma, nos ensinar a cada passo o que é a literatura e o que perdemos substituindo-a por fantasias de identidade e património.

Considerando a *República Mundial das Letras* (pensando com a estudiosa Pascale Casanova) e os espaços de disputa do campo literário, o professor acredita que a literatura brasileira segue ocupando um lugar na periferia do campo ou essa situação mudou? (Pode-se considerar, aqui esforços como o vosso; além dos leitores de Machado de Assis, nos Estados Unidos da América, ou de Clarice Lispector, no mesmo país, cujo melhor representante é Benjamin Moser, que levantam a bandeira da “ideia de literatura brasileira com propósito cosmopolita”).

Não tenho particular interesse por análises do tipo das de Pascale Casanova, tão-pouco pelas ideias hoje correntes em torno da literatura mundial. Acho, sim, que existe uma literatura internacional, que não depende da língua ou da cultura, mas do comércio: é constituída pelos escritores cujo sucesso os leva mundo fora gerando novo sucesso a cada passo. O comércio é uma força cosmopolita, os livros são mercadorias, há muitas pessoas que vivem de os fazer, distribuir, vender, traduzir, etc. Eu sou uma delas, por sinal, como todos os professores, creio. Os interesses do comércio não coincidem com os interesses da literatura em todos os planos e em todos os momentos. Isso é óbvio. No entanto, é importante compreender que se calhar há alguma força inerentemente literária que torna possível que um livro escrito no Rio de Janeiro, no começo do século XX, Memorial de Aires por exemplo, seja legível e encantador ou para um leitor australiano ou para uma leitora catalã e que ambos se encontrem num mesmo entendimento do livro ainda que não se encontrem nunca no mesmo aeroporto. Encontram-se no centro? Na periferia? Como sabê-lo se não há sítio determinável para essa possibilidade magnífica? Esse é o problema teórico da literatura, e ao mesmo tempo esse é o sonho da literatura. Nada que ver com centro, periferia ou Roberto Schwarz.